

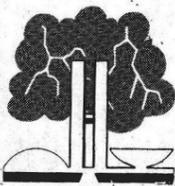
Brasília, em crise com a política, deseja se divorciar do Congresso

Clóvis Ferreira/AE

Moradores reclamam que não agüentam mais ver o nome da cidade como sinônimo de corrupção

MOISÉS RABINOVICI

BRASÍLIA — Numa conspiração de poderosas forças, o Congresso foi sitiado por 20 minutos, enquanto deputados e senadores estavam distraídos cassando corruptos. As negras nuvens pesaram como um julgamento na capital do País: ameaçaram só os símbolos políticos, raspando até o Palácio do Planalto, mas pouparam o resto da cidade, ensolarada, em campanha para livrar-se do novo adjetivo "brasília", sinônimo de corrupção.



"Um sobrinho meu teve o dissabor de passar férias em Cabo Frio ouvindo insinuações: — Ah, você é de Brasília?", conta um dos representantes de Brasília no Congresso, o deputado Sigmaringa Seixas (PSDB-DF). "Quando apontamos para a corrupção que se instalou no Estado brasileiro, muitos tolos olham para o dedo e concluem que Brasília é seu foco", protesta. "Levamos a fama, somos o centro da crise, mas não os responsáveis: a CPI atinge parlamentares de outros Estados".

Nem só o céu é político em Brasília. Depois de mais uma semana de drama nos corredores do poder, exibido ao vivo para todo o Brasil, os jornalistas foram convidados a relaxar com uma "Festa da Tailândia", vestidos à tailandesa ou com motivos penitenciários. "Enquanto PC dança, você se diverte", prometia o convite do Clube de Imprensa. No cinema da Câmara, talvez para suprir o vazio repentino deixado pelo sumiço dos empresários, que agora aparecem mais em listas que aterrorizam parlamentares, entrou em cartaz o filme *Romuald e Juliette*, que conta a fulminante paixão de um riquíssimo empresário por uma faxineira.

Um movimento separatista já mobilizou o bar e restaurante da moda, o Carpe Diem, no Comércio Local Sul: "Não se pode colocar no mesmo plano os moradores de Brasília e alguns habitantes da Esplanada dos Ministérios, responsáveis por toda sorte de falcatruas", reage um tablóide distribuído de mesa em mesa. O contrataca é desferido num editorial: "Fica difícil aceitar o simplismo encomendado com o qual a grande imprensa anda rotulando Brasília de corrupta, ocultando interesses até agora não confessados. São Paulo é a pátria do adhemarismo, do folclórico rouba mas faz, ou da mais expressiva força produtiva do País? O Rio é a cidade do Tom, do Chico, da Portela e da Mangueira, do Flamengo e do Botafogo, ou dos capitães do jogo do bicho, do Comando Vermelho, dos traficantes de toda a sorte? Alagoas é o berço de Graciliano Ramos ou de uma cada vez mais recheada lista de corruptos e valentões?"

Brasília, para o Carpe Diem, é não só inocente, como "o orgulho de uma nação". De uma das mesas, um repórter brasiliense adverte para o perigo das generalizações: "Nem todos os parlamentares são uns pecê-farias". A lavagem de roupa suja, no prédio mais famoso e escandaloso da cidade, pode marcar "o fim de uma geração de políticos", prenuncia Sigmaringa Seixas. "A CPI encerra um ciclo crítico no País", acredita. "Dependendo do resultado, a reação da opinião pública pode acabar com a carreira dos culpados." Ou de quem não os culpou.

Faltam poucos dias para o ano eleitoral de 1994, e Brasília está em clima, não de fim de ano, mas de fim de mundo. A ameaça de um dilúvio paira com as nuvens negras sobre o Congresso. Até na decoração de Natal predominou um certo baixo astral: quando as luzes da Esplanada dos Ministérios foram ligadas, há duas semanas, houve um curto circuito que tirou do ar as estações de TV. Então a cidade ficou, realmente, dividida em duas — a natalina, piscando, e



Com as nuvens negras, a ameaça de um dilúvio paira sobre o centro do Poder Legislativo

a política, paralisada na areia movediça das denúncias crescentes de corrupção. Nem o presidente Itamar Franco aguentou: passou a semana no Rio e em Juiz de Fora.

O senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), presidente da CPI do Orçamento, não desfila no bloco dos pessimistas pelo túnel do tempo do Senado. Estava muito bem humorado, brincando com uma repórter que sentou-se com os pés em sua cadeira, quando extraiu uma pérola da lama: "Esta é uma ótima oportunidade de mostrar que podemos julgar a nós mesmos". Apenas algumas horas antes estava tão nervoso que protagonizou uma bravata

ao deputado Aníbal Teixeira (PTB-MG), o invasor de uma reunião a portas fechadas. O vice-presidente da CPI, deputado Odacir Klein (PMDB-RS), também acha que o Congresso está numa boa fase de "transparência" — é ele não se referia à pasta transparente empunhada pelo ex-deputado

Oinareves Moura, nos últimos dias de mandato, para mostrar que "não carregava PSDólares".

Transparência "e força democrática", completa Klein. "Sem democracia, não haveria CPI". O maître do restaurante do Senado, Bernardo Carvalho, "sente" pelas mesas que "tudo está tranquilo". O deputado Fernando Diniz (PMDB-MG) adiou o toró prestes a desabar e já avista um arco-íris: "Por mais sombrias que possam parecer as nuvens sobre o Congresso Nacional, esta Casa vem dando ao País, com a CPI do Orçamento, uma demonstração inequívoca de que a democracia possui instrumentos eficientes de controle acionados principalmente pela pressão da opinião pública". E do "pântano", prevê o parlamentar, "vão emergir um novo País e uma nova cultura política".

Foi um ano pródigo em escândalos para o Congresso. O presidente da Câmara, Inocêncio Oliveira (PFL-PE), o abriu no fundo de um poço furado irregularmente

pelo Dnocs. Uma rede de prostitutas para parlamentares o temperou com sexo, ao ser descoberta. Uma tonelada de cocaína chegou com o "assessor parlamentar" e irmão do ex-deputado Jabes Rabelo. O deputado João Alves (PPR-BA) revelou uma inacreditável sorte grande na manipulação de Orçamentos da União. E um derrame de PSDólares comprou deputados como se fossem jogadores de futebol. Mas o clímax de 1993 só foi alcançado quando entrou em cena o ex-assessor José Carlos Alves dos Santos, acompanhado de deputados, senadores, ministros e governadores, e com a espessa enterrada viva. Mesmo assim, "o patrimônio líquido do ano é positivo", num balanço feito pelo senador Jarbas Passarinho.

"O sentimento geral é de depressão", lamenta a relações públicas do Senado, Glória Maria. O escândalo com um funcionário do Congresso, José Alves, surpreendeu a "todos os outros", ela explica. "Era um amigo." A capital do funcionalismo público espera agora uma "depuração política" feita pelos eleitos. "O clima está muito ruim", confirma o diretor-geral da primeira secretaria da Câmara dos Deputados, Ademar Silveira Sabino, funcionário de carreira há 32 anos. "Ninguém sabe muito das coisas." Para este ano eleitoral, Sabino está prevendo 75% de renovação, quando a média normal seria de 60%.

O doutor Edgelson José Targino Coelho, diretor de um mini-hospital nos subterrâneos do Congresso, não tem receita para a cura da crise política. Por prudência, ele mantém um rodízio permanente

de médicos junto à CPI do Orçamento: "A exaltação de ânimo leva ao stress e ao aumento da pressão arterial", adverte. José Alves foi um de seus pacientes. Mas a ética profissional já apagou a lembrança das consultas. A saúde dos políticos pode ser medida pelos programas especiais à disposição. Um deles é para a prevenção da hipertensão. E outro, para o tratamento de dependências químicas. Também há cursos para gestantes e diabéticos. Em Brasília, ele se gaba, "não há stress de trânsito".

O catador de papéis Erisvaldo Alves da Silva mede a crise política pelo volume de "documentos"

jogados no lixo dos fundos do Senado. Todos os dias ele está recolhendo o máximo de 300 quilos, reciclados por uma única nota de CR\$ 500. Vai com o filho, Danilo, de 3 anos, e já aproveita para banhá-lo no "Bolo de Noiva", o anexo usado pelo ex-presidente Fernando Collor como trampolim para a aventura que o tornou

inelegível até o ano 2000. Logo ele vai sofrer com a "síndrome do verão", em janeiro e fevereiro, quando Brasília fica deserta, sem papel, o Brasil nas praias.

"Este ano talvez seja diferente", promete Sigmaringa Seixas. A CPI continuará funcionando porque "o Congresso está em xeque". Ao ouvi-lo, um repórter retrucou: "Não será cheque?" Calúnias como essa, que se confundem com Brasília, levaram a coluna "Sexta Básica", do *Jornal de Brasília*, a pedir "um grande desagravo". O colunista TT Catalão até propõe um lembrete nacional: "Obrigado Brasil por voltar em pessoas tão distintas, enviando-as para Brasília".

FALTANDO POUCO PARA 94, CAPITAL VIVE, NÃO EM CLIMA DE FINAL DE ANO, MAS DE FIM DE MUNDO

NEM ITAMAR FRANCO AGUENTOU: PASSOU TODA A SEMANA NO RIO E EM JUIZ DE FORA